

crónica
do quoti
diano in
útil

VOLUME 3&4 (1970-1982)

J. CHRYS CHRYSTELLO

ÍNDICE

451. dedicatória [porto, março 31, 1975](#)

mulher

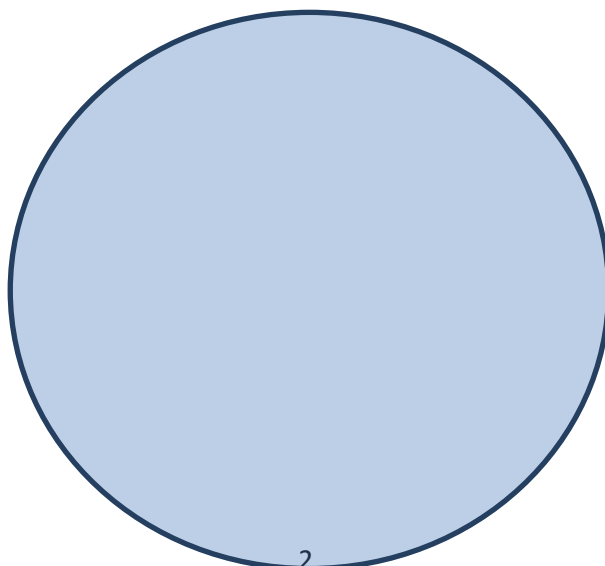
474. poesia revisitada [porto, maio, 16, 1976](#)
441. marialvas sem cartilha [dili, timor, abril, 21, 1974](#)
449. eros nos jardins de leste [dili, timor, nov., 25, 1974](#)
452. memórias [dili, timor, abril, 13, 1975](#)
459.(à angie) [porto, nov. 8, 1975](#)
466. cântico a mardej [porto, janeiro, 11, 1976](#)
476/477. cortar amarras (à nô roquette) [s. martinho do porto, set. 5, 1976](#)
446. este o roteiro (à evy) [dili, timor, nov. 18, 1974](#)

ego

455. te (a ti próprio) [s. martinho do porto, set., 23, 1975](#)
456.1. a dúvida (carta a um homem só) [porto, nov 5, 1975](#)
447. nascem os dias [dili, nov 18, 1974, porto, julho 10, 1976](#)
468. vontade é partir [porto, fev 3, 1976](#)
467. bali (capítulos i a ix) [bali, novº 74](#)
469.2. *le poisson d'avril* [porto, abril, 1, 1976](#)
469.1. dia de enganos [porto, abril, 1, 1976](#)
488. gostava de ser poeta [macau, dez. 17, 1977](#)
487. a grande muralha da china [macau, nov. 1977-10 dez. 1980](#)
489.1. os grandes atos heroicos [timor, abr. 1, 1975; macau, dez. 18, 77](#)

mundi

438.3 habito uma ilha, [dili, abr 4, 1974](#)
442. prazeres sem orgasmo [dili, abr 25, 1974](#)
431. eurasiamente à vol de 737b [set. 1973](#)
i. da europa ao oriente-do-meio [telavive, israel, set. 19, 1973](#)
ii. a terra dos persas [teerão, irão, set. 19, 1973](#)
iii. indiana união [nova delhi, índia, set. 19, 1973](#)
iv. no reino do sião [bangucoque, tailândia, set. 20, 1973](#)
v. timor [baucau e dili, timor, set. 20, 1973](#)
433.1. bucólica bobonariana 1 [bobonaro, timor, nov. 23, 1973](#)
450. o teto do mundo [dili, dez. 3, 1974](#)
434. a lepra bucólica bobonariana 2 [dili, timor, dez. 3, 1973](#)
445. para que não digam [dili, timor, set. 25, 1974](#)
486. tai pan [macau, out. 15, 1977](#)
484. tufão [macau, jun. 27, 1977](#)
451.1. porque jovens [bali, dez, 3, 1974](#)
440. poemato [dili, timor, abr. 1974](#)
443. post-scriptum a andré breton [dili, timor, jun 16, 1974](#)
457. ociosidade [porto, nov. 6, 1975](#)
495. colonos do mito [macau, 27 fev. 1981](#)



aviso importante:

esta arte é circular,
(um círculo por cada ano de vida)
agrupados em 3 esferas:

*MULHER
EGO
MUNDI*

cada ciclo tem por base a congruência de todas as incoerências da unidade do pensamento do criador que se autorreserva de ilimitada idoneidade para a mais ampla, livre e independente expressão dos seus egos. o globo mede 170 centímetros com uma massa de 63 quilogramas e gravita na eternidade.

(ilustrações por António Conceição Júnior, Macau 1977)



OUTRAS OBRAS DO AUTOR (À DATA DA PRIMEIRA EDIÇÃO)



CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL (VOL. 1)

EDIÇÃO DO AUTOR, ABRIL 1972, TIPOGRAFIA ROCHA V. N. GAIA

DISTRIBUIÇÃO UNICOOP, PORTO

LIVRARIA LATINA, PORTO

PARCERIA A. M. PEREIRA, LISBOA

CRÓNICA (SEGUNDA) DO QUOTIDIANO INÚTIL

EDIÇÃO DO AUTOR, DILI, TIMOR, ABRIL 1975

DOSSIER TIMOR (FORA DO MERCADO)

EDIÇÃO JN, 1975

CRÓNICA TERCEIRA DO QUOTIDIANO INÚTIL ENGLOBADA NA

CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL. 3&4 POR PUBLICAR

451. (dedicatória). mar 31, 1975/mar 5, 1981

a meus pais
 de quem nasci
à mulher-mais-que-inventada
 que imaginei
aos amigos sobrevividos e esparsos
aos bastardos
 inúmeros e inominados
aos outros
 companheiros
 desta viagem última

...

...

ao país emigrado
ao povo ignoto
 e só
às estórias-da-História-por-contar.

...

...

lego as palavras
 primeiro exiladas
inconquistas
 cidadelas da utopia

o poem'arma vem
 e grita
renúncia
 zenital voz
 incestuosa geometria
 mentira do corpo

da raiz do tempo
da vala-comum do sonho
 o voo supremo
 o alento
 e a revolta

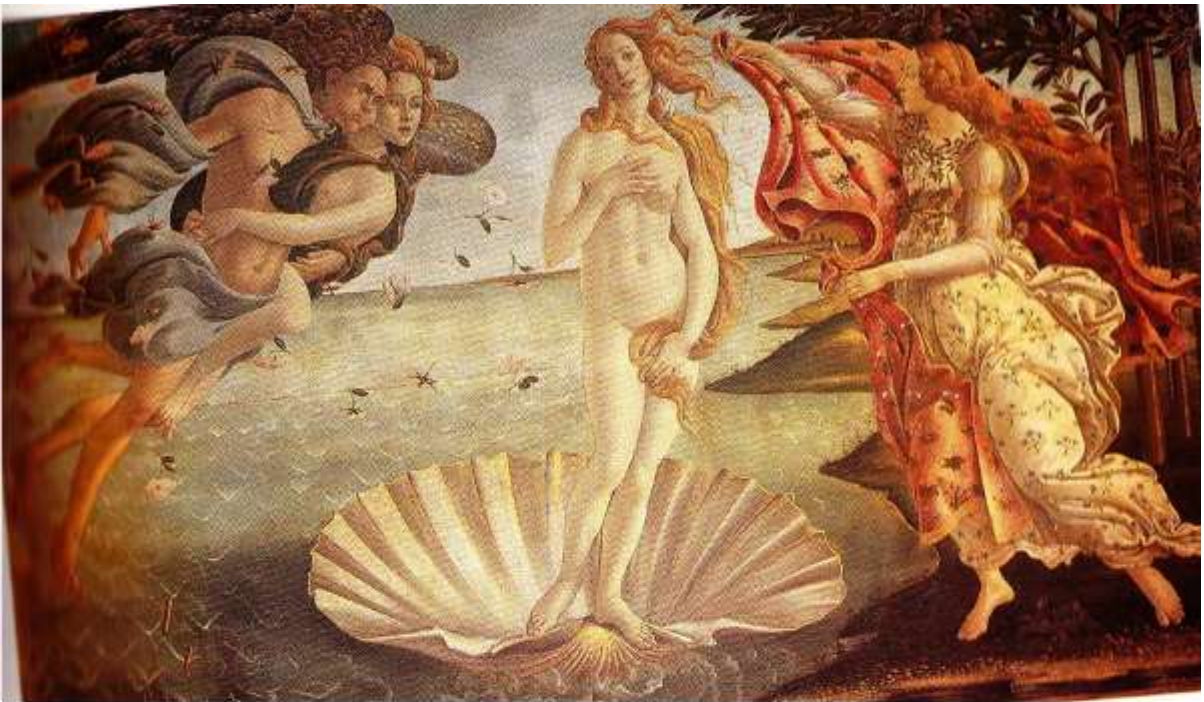
(esta a leitura libertante)

honorada gratidão
 aos que me lerem
construtores de fogueiras
 perenes habitantes
 deste deserto com vozes

a amizade e o verbo
 e o livro
 se fez casa
à boca-de-cena
 o ponto vos cita
atores multiformes
 desta farsa
 quotidiáfana

juntos escalámos
 estradas de asas insuspeitas

*"god's on trip
 getting high
 god save our bob hope".*



MULHER



474. poesia revisitada (de novo a ti, daniel filipe). 16 mai 1976

ALERTA! a imaginação tomou de assalto o poder!

hoje
virão talvez crianças
descendo as sagradas ruas das máquinas
acampando nas avenidas da liberdade
por inventar
dando-nos as mãos
os sorrisos
os sonhos

hoje
nas campas rasas
estarão heróis que nunca foram
perguntarão quando seremos ouvidos?
(a nossa carne encheu canhões
no-la recusam agora?)

os mendigos
desempregados
reformados
deficientes das guerras todas

as pegas
messalinas
prostitutas
meretrizes
chulos
traficantes de ilusões

os ladrões
criminosos
e demais gente ordinária e vulgar
anunciam manifs reivindicativas
"a greve será total! – dizem")

enquanto isso

partidos
militares
sindicatos
demais desorganizações de massa
exigem

do governo
a ordem
a força
a autoridade

das armas
a repressão
o estado-de-sítio

a censura

até mesmo a pena de morte

por toda a parte

solidária é a luta dos oprimidos

– clama o poeta!

única é a voz dos marginais

- escreve o louco sensato
nas paredes e grades

desta prisão

(aqui e além leves escaramuças populares

não há baixas dignas de registo

- asseveram fontes oficiais
geralmente desinformadas)

a sociedade é um flagelo social do indivíduo

libertemo-nos da grande ameaça – denunciam os dissidentes

a situação é calma

assegurado o controlo total do país

militares, militarizados e milícias

em prevenção rigorosa

algures à mesma hora

num público jardim

um casal de amantes

felizes

desocupados

despolitizados

fazem amor

despreocupado

sem carácter de urgência

confundidos por vulgares agitadores da ordem

foram chacinados ao despontar o amanhã

(felizmente havia luar!

comentou lacónico o primeiro-ministro
muito dado a lucubrações intelectuais.)

441. marialvas sem cartilha. abr. 21, 1974

(para um diário dos dias por silenciar)

inventário teu corpo vazado
urgente fruí-lo enquanto puro

depois
 abandonada
erguerás o apelo
 o deve e o haver
 o balanço digráfico
desperdício
 formas sem uso
 comércio em desvalorização
e o investimento do corpo
 sem reservas fiscais

sejamos compreensivos
 toleremos a depreciação
o estoque inútil de teus ossos em saldo
o líquido lucro da virginal lembrança
hipotequemos a mercadoria
 vendida
 trespassada
 até à exaustão
cumprir-se-á o destino
 prazer pago
 parca comissão
satisfeita a lúbrica ânsia
 a frustração
 sem choros nem queixumes
apodrecida e descarnada
 venderás luar em teus olhos sem vida
 nas esquinas do tempo-gasto
 pobre meretriz de tolos e vadios

então o IMPÉRIO
 a GRANDE INDÚSTRIA
 Corpos e Cia. s.a.r.l.
reunirá o conselho de administração

abatida ao património
 ossos inúteis
 sem ofício nem remorso
ninguém lembrará a força bruta
 a tímida escusa
criança sangrenta desflorada
sem direito a crescer
o lar submisso onde não aprendeste
 a sonhar
amor a prestações
lenta morte
 sorriso alvar.

o desdém presidencial
tranquidormentes consciências
proclamações de progresso irrefreado
lucros de sociedades novas
sublimes missões

homens novos
 todos predestinados
 comprando luar em todas as esquinas.

449. eros nos jardins de leste. dili nov. 25, 1974

os corpos se venderam
por dez reis de nada
assim se serviam
do que criam inútil
e se davam
fáceis e apáticas
faziam amor
como quem respira

isto é

o rimo cósmico da órbita do poema
descrevia uma senoide irregular

e de tanto engravidarem
o vício de todas as necessidades

e de tantas fomes acalentarem
o instinto as aguilhoava
nascituras
logo então vitimadas

- EROS senhor e amo nos jardins de leste –
pequenas
saracoteantes
delicado delinear
de dietas forçadas
figuras de cabaia e lipa
dos agrestes picos montesinos
às estéreis planuras
frágeis ninfas
na terra que “o sol em nascendo vê primeiro”

diac ca lai? la diac malai
e a gente compra
Escudo iha . né
la coi! ata!
lima escudo
cabeça bulak! menina lá diac... ossam báric

lulic
loro mai massimida

os lábios de carmim da viva cal e da harecan
haneçam laha malirin.

452. memórias. dili abr. 13, 1975

ave louca
 sinusoide voo
rias-te
 nem sabias o quê
 de quê

era já o fumo
 olhos e mãos
 baça voz
gestos nunca antes inventados

sabíamos do tempo
 a imponderabilidade
a curva obscena dos corpos
na posse do mundo
 estávamos e éramos
coloridos e diáfanos
 queimávamos identidades

alguém cantarolava
 palavras
 desconexas
 inúteis
carícias
 premeditadamente esquecidas

ela se levantou
 e a víamos como se não fosse
isto é
 criada no instante mesmo
hesitante
 avançando pela janela
ninguém a abria
 seria talvez noite
transcendental o país
 bebedeiras de amor
 roteiros estelares
no suor do regresso
 como se nunca partiras
no sorriso distante
nos teus lábios
 cresceram da criança os olhos

encheu-se a sala
frágeis gestos
alguém ousara!
na rua um escape
no silêncio do grito
a regra é saber que horas são
ou o medo
a vertigem
a regra do pavor
o voo de ficar

céleres que nem imagens
falam de nós
no teto branco nu
ou somos
desirmanados
no frémito que nos invade
a resposta recusada
texto ou resumo
a vida violada.

459. (à angie). porto, nov 8, 1975

nesta calma
doentia e resignada
mórbida conformação
de assistir agonias
estrangulámos sentimentos

impávido e solidário
no logro deste fatum
voarei
livre de asas
aos cumes mais sacrificados
à dor insuportada
gritarei
te amo

este o curso da vida:
o decurso
o discurso
o recurso
o incurso
o excurso

anda
vem correr pela praia
mãos ao vento
na areia
ainda molhada

adolescências perdidas
vens?

466. cântico a mardej. porto, jan 11, 1976

o enorme pássaro azul te descreve
em seu reflexo vejo do voo

o prazer

e vou

imaginar é já esta viagem insuspeitada
asas multiformes

amplos espaços

roteiros de ti

(a LIBERDADE não se aprende

conquista-se!)

círculos de luz

na cor

no ciclo irrepetível do tempo.

Mardej era o nome

flor apenas

e jovem

alva página esta

página alta

insubmissa

virginal era o silêncio

e se fez bailado

frágil o corpo

e se fez música

revoluteavam línguas

unhas de fogo e fome

migrantes mãos

percurso primeiro

incontidas

hesitantes

exaltantes

era amor?

nem o sabíamos fugaz.

476/477. cortar amarras (com e à nô roquette). s. martinho do porto, set. 5, 1976

partir!
cortar amarras
como se ficar
fosse já um naufrágio
ficar!
como quem parte nunca
partir
como quem fica
nas asas do tempo
esta a mensagem última
solidão sem nome

o ridículo das palavras nos move
sim! creio em nós! ou talvez não
os filhos farão a história
e será deles
talvez a esqueçam

partir!
cortar grilhetas
como se morrer fosse
levar este desespero
ao limiar
de todos os impossíveis
vencer ameias
cortar amarras
velas ao vento
olhar do mundo
os deuses e a carne

crua
impiedosamente
se vive
este tempo de incúrias
me inunda
no passivo desleixo
buscar um ego por medida
erguer a voz
sem medos
rasgar as pedras
e o ventre
semear desencanto
esta aridez que me possui

...
....
.....
e sorrir
no olhar verde da grande utopia

na espera dos louros cabelos
 na esquinas destes corpos entrecruzados
 nascer
 de novo
 uma vez mais
 (em vão?)
 acreditar coletivo este inferno
 dar o salto
 transpor a fronteira
 entre o ter e o ser
 imaginar
 como só os loucos sabem
 o desprezo
 armar sorrisos
 às conveniências
 agonias lentas
 de conivências
 ...

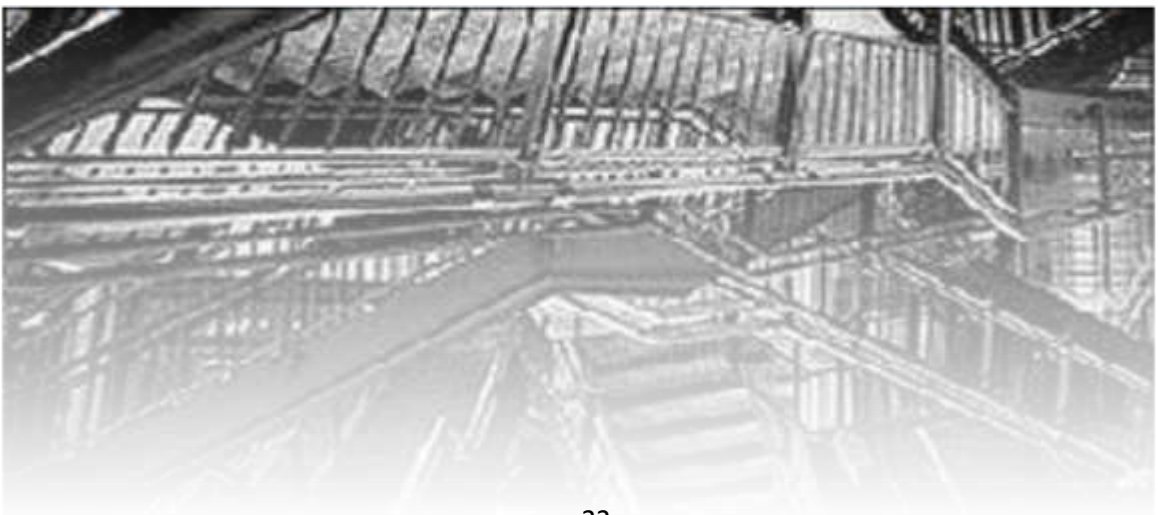
 criamos a norma-anti-norma
 anti-resposta
 anti-vida
 como ser feliz
 aceitar os sonhos

 e então chegaste
 com primaveras nos dedos
 loucas promessas
 insinuavas
 despontaste
 como quem acorda
 horizontes perdidos
 demos as mãos
 sabor de início de mundo
 depois nos disseram
 do ódio
 como um aviso
 espiavam-nos as sombras
 com uma raiva infrene
 cuspiam nos olhares
 que não entendiam

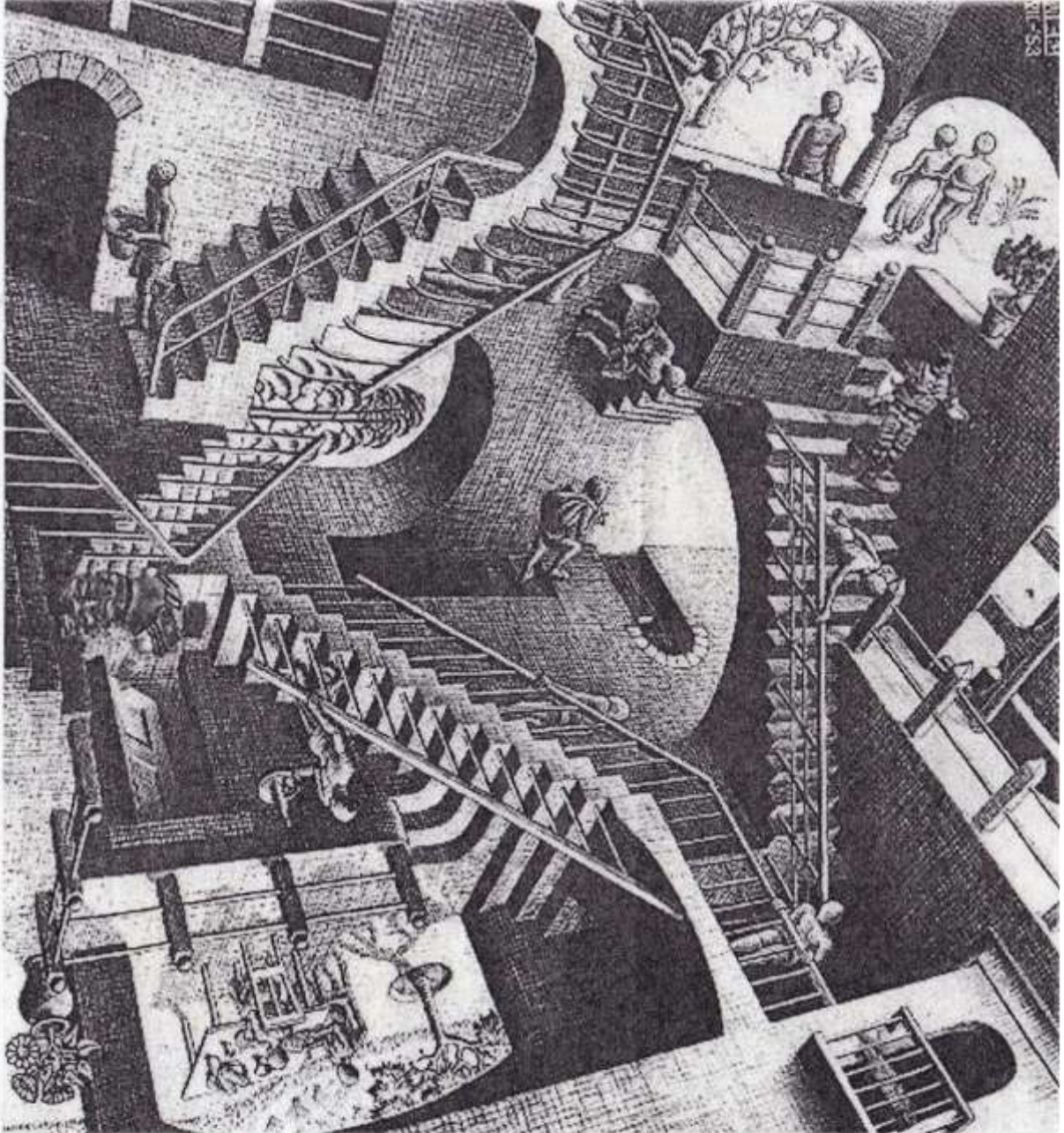
 este o lado outro
 das palavras por dizer
 (em são martinho do porto)

446. este o roteiro (à evy). dili nov 18, 1974

este o roteiro
 nem imaginado
 pressentido
abrimos a paisagem
 devagarosamente
como se licençaouvérámos
 de pedir
 às estrelas do chão
o brilho pulsar
 deuses de lama
em ti o corpo madruga
pérolas negras
 no azeviche dos cabelos
é teu o sexo
 e o bailado da sua sombra
 desconheço
longa esta noite
 de mil vigílias
a palavra denúncia
o medo insuperado
cavas o fosso
 no abismo d eteus olhos
te deitas
 navega o ventre
 no vento do tempo insuspeito
é nosso o fruto
 e proibido
mosto sagrado
 as colinas e o delta
 vénus pitonisa
calamos minotauros
 erguemos jasões
para quando o sangue desta núpcia?
 ardente sede nos consome
 (na tua aridez cabo-verdiana).



EGO



444. cantiga de amigo, dili, jul. 20, 1974

*para o zé c., aqui na varanda da aidil ao vê-lo triste
pela crítica ao “seu” jornal¹ Carlos Prata Dias*

*já alguma vez te encontraste realmente?
quantas vezes foste peão do “grande jogo”?
quantas vezes te empenharam em luta alheia?
no estrume de orgulhos recalçados
de ternuras fugidias
de posses emprestadas
semeia o viço da vontade
deixa florir o que em ti tens
colhe a calma de seres tu próprio
vive enfim a TUA vida.*

operário da grande luta
 jamais vencida
embalo-me em sonhos de ocasião
perdido peso de muitos jogos
habito este tempo perdido
 desespero
 cultor de utopias

creio no Homem
 sobre todas as coisas
se existo
 a quem me não devo?
se vivo
 por que não querer-me?
onde eu?
quem de mim
 jamais acreditou?
para quê encontrar-me
 se é mais fácil este engano?
crio a ilusão de todas as idades
alheado de mim
 aos outros dando
 tudo quanto necessito
para quê negar as pagas
 nunca recebidas
fortunas dissipadas
 nunca foram em vão
canto a voz amara de ser só.

¹ A Voz de Timor, em Dili de que era redator-chefe

455. te (a ti próprio). s. martinho do porto, set. 23, 1975

caminhas como se asas houvesse
ignoras o pensamento
e te transporta
círculos descreves
negação do ego teu
existes
enquanto contraditórias
as razões tuas
delas te evolvas
por sobre a turba anónima
em nada crês
e é tua a natura-mãe
motivo
consequência
dos outros
sabes a inocência ingénua
e o dolo
proclamas o autoequivoco do elogio.
TUA
A VERDADE
só tu conheces
habitas
desprezas
falso o mundo
dos olhos teus
como a estória do que sentes
dos bosques sabes a ramagem
das nuvens os castelos
caminhas
e em ti o equilíbrio é etéreo
ambicionas o mutismo
linguagem universal
do devir
crias quotidianos personagens
ancestral a sabedoria que rejeitas
alquimista de impossíveis
de ti
a imagem só tua
no lado outro do espelho
de ti
a fala e o canto
e o mundo que conheceste
inventando.

(ESTE O SOBREHUMANO HINO).

456.1. carta a um homem só. porto, nov 5, 1975

nasce
 nem se sabe donde
coleante
 se forma
 se insinua
impotentes
 desmascarámos
 a voraz hidra
renegada senhora de nós

dos dias
 se rói a memória
malsã mentira
 a sabemos

tácito enleio
também tu
 chegas
 teu sorriso-menino
acaricias o hábito
 silente
 cúmplice

palavras haverão
 nunca vencidas
é profundo este fosso
 mudo
fugaz e única
 esta vida
póstuma
 a alegria
perenes
 inclementes
 dúvidas

(lembras-te?
amas-me, meu amor?
 responde
 mente-me)

respostas preconcebidas
 vagas

inapercebido o salto
o vazio
o abismo

lembranças com sabor a pesadelo
jogos do antigamente
o melhor é continuar
fingindo
desespero

desespero

jamais será mágico

acabrunhados
repetimos o logro
irreconhecido.

irreconhecido.

suburbanamente vives
renasces quotidianamente
no sol que te alimenta
te transporta
hábitos comprimidos no sono
cheiras a cama
correndo te perdes
te cansas
nascem os dias na cidade
em cada rua
esquina
no matraquear lento dos minutos
nos acotovelámos vorazes
por entre a sandes e o copo de leite
a grande corrida no relógio das veias
e já somos o rebanho
e o cansaço
triturados no suor do trabalho
na lufa do jantar
um marido às prestações
os filhos endormentes
a televisão deserta
o sono
cansados os corpos
desconhecidos repousam
até um dia amor
e chamar-se-à liberdade
nos dormitórios da cidade
o silêncio nos embala
sem voz que se erga
nos sonhos
que nos proíbem
sem que a desfraldemos
no edifício dos corpos
a alegria das bandeiras
neste país dos cravos
as lágrimas vermelhas do seu sangue.
deixar a alma
deste ritmo
parar
deixar o instante
deste tempo
renascer eterno
esta a proposta inicial,
iniciática
até lá como?

improvisa um despertar
 nada tens aqui de teu
 nada podes perder
 quando nada tens
 só a solidão pode perdoar
 improvisa um despertar
 dele será a tua luta
 quotidiana
 cobardes
 inermes
 inertes
 e outros
 bichos-de-sem-vontade
 mero adorno
 objeto a marginalizar
 vontade é partir
 tu
 as alturas e as muralhas
 montanhas do teu ser
 vontade é erguer novo
 tu
 mundo dos filhos sonhados
 habitantes futuros
 improvisa um despertar
 e parte!
 o que é novo
 o que é mundo
 não esperam
 tu desesperas
 parte já
 novo o queres
 logo é já amanhã
 demasiado tarde
 cá em baixo do céu
 mulher
 tu
 amor
 nem de plástico
 e tudo é azul
 no calor tranquilo
 amodorrento da família
 amoleces na indecisão
 deixa o hábito onde o usaste
 sempre
 num cabide

esquece-te dele
deixa passados por ressuscitar
sonhos irrealistas

qualquer passado
é futuro de triste presente
não é livre como o vento
nem raiz no pensamento
vontade é partir
como quem regressa
saber do hoje
o percurso frustrate

sem donos nem senhores
à desfilada na noite
da libertação
conheces utopias
tua a voz
incómoda
perdida a louca compostura
do silêncio
a vida no grau zero
do zen.

I

² Rick Wakeman's "Voyage to the centre of the earth"

a cadência beat
memória ancestral
poesia mística de pedras por decifrar
o voo atávico
alento último no suor dos corpos
dança da chuva em traje de circunstância
vindos de nem-eu-sei donde
marte, talvez
fantasmas antigos
soletram segredos esquecidos
castelos sem tempo
alquimias sem espaço
olhos dilatados nas lonjuras
lágrimas aceradas
espadas de gelo
sem medos

onde o cruzeiro do sul?
perguntam duas virgens
(fiz-me desentendido)
voguei no vento sobre as areias
ali mesmo
caminhámos séculos
até ao fim das bocas
esperma salgado
púbicas efluvescências

II

- Já destruíram a face ao planeta! - exclamo

pássaro algum entoou o cântico da meia-noite
é dia
esquecido de mim
perdido sem lembranças
ou nome
ou nexo
o sexo viril
húmido
pendente
de tuas ancas descarnadas
vagina sem dono
no pomo desta maçã
percorro deltas de fomes infenecidas
farejo bosques que urbe alguma sepultará
cerca da fogueira
teus ossos me ardem
remoçaste um parto louco

sedes irreprimidas

III

ANIMALS!

sussurra incrédulo o gordo careca
agita branco de raiva (ódio?) seu panamá
nasty pigs!
rosna a dona do pekinois rançoso
espojavam-se nas rochas
sem dunas
vasado o sémen no útero peregrino
gemia sussugante wonder alice
nas maravilhas do meu país
nuas órbitas
olhos e phallus
plástico transistor aos sapatos da jovem
sem pés
vozear rítmico do *kecak*³
balinês de nove séculos
woodcarven e *batiks*⁴
bikinis por vender
pele tostada e suja
ávidos de americanos turistas
o pregão infantil
o coloquial regateio do preço
ridiculamente pequeno
dez vezes menor
o exorbitante exagero do trabalho
dez vezes mais gratuito
duas notas de dólar por mil sorrisos
cheias mãos de antiquário
comprador de almas
sem sonhos

IV

longe o surf
o vulcão silente de *kintamani*
corais
tubarões
pesca artesana
a sombra supersónica dos jumbos
milhares flutuantes
vômito infrene de gente
esvaziar o bojo e (re)partir

³Kecak peça do folclore típico balinês (Bali, Indonésia) pronuncia-se ketchak

⁴woodcarven, arte escultural em madeira talhada e lavrada minuciosamente
batik, tipo de impressão a cores em tecidos, própria de Bali.

busca antiga de sentir novo
 despir dos hábitos a gravata
 férias sem rosto
 historietas futuras
 tédio adiado

 burguês camuflado às flores
 camisa, shorts e soquetes
 chapéu de palha e sombrinha
 óculos fumados e charuto apagado
 embuste inexperenciado
 o juro da alienação quotidiana
 salário vitalício
 a casa
 a sagrada família
 esta a pausa breve
 fotos instantâneas a três cores
 souvenirs de imitação
 bagagens de bugigangas
 gorjetas também.

V

no colmo da cabana o fumo denso
 balbuciar desculpas
 correr nu pelo palmar
 beber o coco e o leite
 shiskebab de formiga⁵
 vegetais
 soja
 *chilll*⁶
 vinho de arroz, *chau ming* e *vantans*⁷
 ninhos de andorinha

acorda amor!
 *buddha sticks*⁸
 ácidos paranoicos
 cogumelos azuis
 tão só para ti

paola
 a chinesa nascida em itália
 trincava *bikkies*⁹

⁵ espetadinhas de formiga assadas na brasa.

⁶ especiaria muito picante à base de piri

⁷ *chau ming*, massa alimentar chinesa, mais fina que esparguete
van tan, folhados fritos, típicos aperitivos chineses

⁸ marijuana enrolada em pauzinhos atados e dopada em ópio

⁹ diminutivo australiano para biscoitos

¹⁰ Kris - adaga longa e recurvada. self-stabbing - autoflagelação com adaga.
¹¹ peça do folclore místico de Bali, séc. IX-XII
¹² cremação

viagem louca
a fome gelada de katmandu
o desprezo total em goa
lentos estádios da libertação
ardentes delírios tropicais
desconexa a fluente discursividade
arrastando da febre o esqueleto

comer sem fome
o *gado-gado*¹³
shop-suey
*cap cay*¹⁴

VI

janine a louca se masturba no térreo adobe da prisão
contrabando de narcóticos

denúncia premeditada

despeitado amante javanês

regressará num *bemo*¹⁵

quinze lugares sentados
três os meses em atraso

amigos em trânsito

ávidos dentes nos *perama's cakes*¹⁶

árida sede dos *Pernod's* à *Poppies*¹⁷

joe cocker era tema no estrado

a dutch princesa olhava altiva

sotaque rolado

juntos entoamos hinos odiosos

à europa distante

brian parodiava liverpool mineiro

chegando bliss e o seu petiz-lord

(made in *grosvenor* - londres

em *buckingham* um queer

marido e *M.P.*¹⁸)

vestia 1920's com capeline

abominava libras sem ouro

como quem despreza

katut lembrava o mote

alguns saíam em curta *trip*¹⁹

*"please! no gettin' loaded on poppies!"*²⁰

¹³ gado-gado, pronunciado gádú-gádú, salada vegetal típica da indonésia

¹⁴ shop suey e cap cay (pron. tchá- tcháí) comida típica chinesa, pequenos aperitivos feitos de legumes e vegetais em fogo forte.

¹⁵ pronunciado bímo, transporte coletivo: pequena carrinha motorizada, com caixa fechada para passageiros, com capacidade de 6 a 15 pessoas, num espaço mais conducente ao transporte de quatro adultos.

¹⁶ bolos de banana típicos do restaurante Perama.

¹⁷ Poppies, bar mais conhecido e mais internacional de Kuta Beach, Bali, no início da década de 70. Arrasado em 1980 para dar lugar a mais um complexo turístico.

¹⁸ queer - homossexual. M.P. membro do parlamento inglês.

¹⁹ viagem em jargão de droga

serviam um *meat taco*²¹
 *pineapple sundae*²²
sorriam-me "*cum çtáz amigu*"
 e mais não sabiam
george encolhia ombros
 lembrando a posse
resignada e terna joanne
 dezoito apenas
 *brisbane*²³ no início
 topless e *scarf*²⁴ ao vento
rãs coaxavam no lago de nenúfares
ginsberg (alan) incómodo e desconhecido²⁵
barry bongo²⁶ a tiracolo na guitarra
 gestos adocicados
 lenço *cache-nez*
 kebaya antiga²⁷
 púrpura e cetim
barry mckenzie
 vinte filmes épicos
 dez mil cervejas
 uma austrália de compêndio
 alice springs e o deserto vermelho²⁸
clare declamava shakespeare sem saber

VII

mais tarde houve luar em *legian*
margret falava de sindicalismo *ACTU*²⁹
 petiscando *friend noodles*³⁰
éramos como jovens e ingênuos
helen ansiava banguete em reforços
 vinte quilos de *thai*
 bob hope cocada³¹
todos pintávamos em silêncio
 infernos de *dante*
 o *allighieri*

²⁰ por favor não fiquem 'pedrados' no poppies.

²¹ meat taco, enchilada, pão com carne á moda mexicana

²² espécie de gelado ou sorvete de ananás

²³ importante urbe na costa nordeste da Austrália, capital do estado da Queenslândia

²⁴ topless - sem a parte superior (top) do bikini. scarf - lenço para o cabelo, cachecol, véu.

²⁵ alan ginsberg, poeta norte-americano, controverso e radical, famoso a partir dos anos 50.

²⁶ personagem típica de filmes australianos da década de 70, personalizando um australiano, mediano, e diferente dos restantes, europeizados.

²⁷ cabaia típica, originária da Índia

²⁸ única cidade do interior desértico da Austrália, no território norte, em pleno grande deserto vermelho.

²⁹ a central sindical australiana, Australian Confederation of Trade Unions

³⁰ massa alimentar chinesa, tipo esparguete que pode ser liso e chato ou muito fino, e servido em tipo sopa com vegetais, carne ou mariscos ou como prato principal acompanhado por vegetais, mariscos ou carnes

³¹ thai, bob hope, dope - droga, marijuana da Tailândia enriquecida com coca, ou mesclada com ópio

viver num *losmen*³² é regressar
à amizade original
ao sabor de início de mundo.

VIII

noutra qualquer manhã
domingo
*javanese dudes*³³ excursionavam
pele alvar
kamera ao peito
flashes ao pôr-do-sol
como japoneses que não eram

anette a vegetariana
fugia da praia
imaginando-me russo branco
num curto intervalo de calendários
amor com carácter de despedida
ao canto chorava um xilo(bambu)fone
uncle sam perdia ao xadrez
desatento espreitava-nos.

IX

quando as chuvas voltaram
fomos a *bangli*
no sopé do vulcão
o lago e a negra lava
fazia frio
disfarçados de turistas
ma non troppo
ouvíamos um *classical*³⁴ tão americano
arengava anticomunismo³⁵
anti-isto
anti-aquilo
(não mais me falaria
odiava desertores
antes isso!)
lascivo
comia os cabelos encarnados
do último tango em paris³⁶
zanguei natalie f.
um nome francês e sardas verdes

³² losmen, casa comunitária: espaço habitacional aberto onde residiam os turistas mais económicos em bali, na década de 70

³³ saloios da ilha de java.

³⁴ típico, no pior sentido.

³⁵ a norte-americana e sul-vietnamita saigão cairia em 1975 nas mãos dos vietcongues, e estava assediada naquela época da guerra

³⁶ alusão sexual ao filme de marlon brando e maria schneider "o último tango"

xaile nos ombros nus
unhas lilás e preto
e branco e azul ou
saudades de torremolinos
olé!

julie
hospedeira pan-am
fornicava no lençol de flanela
intenso aroma evolava do *chilum*³⁷
um casal de múmias ocidentais regateava estatuetas falsas
clapton matava o sheriff³⁸
na esquina em frente um teatro de sombras
big fatty mardej mercadejava *sarongs*³⁹
a pequena dayú comia *babi kecap*⁴⁰ em molho doce
karen acenava um adeus
até à coroação no nepal⁴¹

(e do futuro
uma voz gritava
era assim naquele tempo)

amarelecido retrato
tombou a meus pés
incomodado levantei-me
e saí.

³⁷ cachimbo cónico para fumar marijuana

³⁸ Eric Clapton "I shot the sheriff" LP 461 Ocean Boulevard

³⁹ vestido típico, tipo saia indiano e balinês

⁴⁰ pronunciado bábi ketchup carne de porco frita

⁴¹ 11 fevereiro 1975, coroação milenária do rei do nepal

469.2. le poisson d'avril, abr 1, 1976

(hoje, todos os jornais cumpriram
nem uma só mentira se imprimiu
era a verdade toda
a do sonho não vivido
talvez possível
em letras garrafais

- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE -
proclamava o editorial)
a duas colunas no canto esquerdo
a páginas quinze
era minha a foto e o nome
nem me impressionou!
ri mesmo com desprendimento
negra cruz encimava frontispício
dizeres os do costume
a missa presente no corpo do finado
hora a habitual
na residência
o féretro saíria para jazigo familiar
lembram-se de cada!
(claro que me importei quando o padre disse
que **ELE** me chamara à sua presença)
todos compungidos
choravam rezas e eulogias
vestiam negro
exceto as flores
e as palavras vazias
adivinei um sorriso dissimulado
nos lábios da viúva
andei por aqui e ali
ouvindo este e aquele
pediam à minha alma
que os libertasse
queriam alívio
disfarcei-me por entre sombrias colonatas
e fugi

(ainda hoje me procuram!)

469.1. dia de enganos, abr 1, 1976

nesse dia acordou irritado
logo por azar estremunhado
notaria a seu lado
a mulher
morta há dez anos
os ossos espalhados pela cama
pressupunham
aqui e além
um certo descuido
mas que diabo!
voltou-se para a janela
tentando adormecer uma vez mais
invariavelmente o fazia em dias como aquele
foi então
atiraram a bola à vidraça
o quarto ficou estrelado
mil sóis recortavam-se no ladrilhado
esforçou-se por manter a calma
ocultou a face no travesseiro
agarrou a almofada
freneticamente
num esgar sensual
ao longe tiniam campainhas
não havia dúvidas
iria ser um dia mau
decidiu-se a folhear o matutino
recusou-se a acreditar
limpou os óculos
estava lá
sem engano possível
em título de caixa alta
em editoriais se consagrava
o sonho supremo da humanidade
por decreto presidencial
dum senhor que ninguém elegera
ia ser promulgada e publicada
no diário da governação
com força institucional

A DEMO - CRA - CIA

em termos mui solenes
o governo advertia
dentro de 24 horas
em cerimónia apropriada
nascia a democracia
e zás! nem quis ligar a televisão

quieto e calado tresleu
era demais!
violento choque!
democraticamente
sem se dar conta
caiu para o lado com um baque surdo
morreu na cama
e em jejum
democrata de nascença.

488. gostava de ser poeta, macau dez 17, 77

já o disse
 e repito
os poetas não têm idade

na descoberta de mundos
 mais-que-inventados
medram com a palavra
 sempre e só
suicidais experimentações
 estéreis agonias

(ah! como eu gostava
 de ser poeta
viver outras vida
 utopias).

487. a grande muralha da china. nov 1977, dez 10, 1980

caiu um governo
 no meu velho país
não caiu da cadeira
 nem de podre
sem sangue
 nem golpes
 nem revoluções

CAIU DE POBRE

lá dizia Eça e gloso
 isto de ser democrata
 não paga rendas
 nem dízimos
e aqui neste sagrado nome
 da cidade
 de deus
a mesma paz putrefacta
a corrupção-dos-dias-por-haver
o silêncio-das-vozes-por acordar
 esta também
 a grande muralha da china

 e é um mito.

489. os grandes atos heroicos dez 18, 1977

viva
a compostura beatífica
nossos semoventes cadáveres
diariamente
face-a-face
no espelho do alter-ego
e somos
fazemos
dizemos
NÃO!
a grande farsa
o hábito antigo
iludimo-nos em sonhos já usados
pelas ruas
cafés
casas
nos passeamos
até na cama
como se fôssemos
outros
tristes robôs de nós mesmos
articulamos a coragem
para dizer basta
para despir a máscara
como quem expõe
a nudez da cobardia

ESTES OS GRANDES ATOS HEROICOS

atirar a canga da mentira
dilacerar a putrefação do fingimento
mórbida estupefação
e já viver
é uma sentença
conspiratória
compulsiva
inocentes ambiciosos
liberdades inconquistas
prisioneiros da fome
de ocultar misérias
em gestos lentos
premeditados
socámos o espelho
da nossa imagem
outra.

MUNDI





Mark Garkinkel / The Boston Herald



438.3 habito uma ilha, dili, abr. 4, 1974

oito séculos
história ao desbarato
missionante império
memórias de povo
sem novas gestas
colonizante cansaço
precoce esquecimento
(multi)raciais sociedades
para colorir
(pluri)continentais
para exportar
e um discurso mais

prisões
medos
silêncios

quarenta-e-oito-invernos
e os infernos?

- HABITO UMA ILHA -

pragmática palavra
hierático sorriso
das crianças suburbanas
nas ruínas de lata
obscura idade do gesto
ódios ignotos
ilhas à deriva
cerca

- este o uterino vértice -
heréticas noites de silêncio
ignaras letras excitadas
tamanho normal de povo

o som primeiro
impresso
subalterna vida
o bairro
habitante incómodo
do ócio
plasmando a cidade

a fadiga desnuda
a sombra
ex/ato
ex/voto
o infólio
no estertor

a mulher
a televisiva telefonia
amorfa consciência
cercearam
o plano antigo inclinado
 $h^2 = a^2 + b^2$
do quadrado da hipotenusa
relógio imperfeito
ao limiar do ser
cerco do universal enfado

vulgar objeto
de anestesi-
o pesado
irredutível ascensão
em queda abrupta
a razão inversa
a concêntrica marcha
da geração perdida
o haver
indizíveis cansaços

49

432. eurasiamente à vol de 747b

I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO telavive, set. 19, 1973

alando de paris logo passamos o azur da côte
sem escândalos nem coroas arruinadas
escarpas e praias despidas de homem
nove mil metros restituem à natura
impolutas ficções

(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias
logo a seguir à itálica bota
corfu vigia em tons de ocre
em tempos creta foi nome de ilha
na mitologia de zeus).

da turca ankara sobrevoámos izmir
mandam-nos regressar
estamos no oriente-do-meio
a guerra volta dentro de dez dias
e só dura seis

telavive é um amontoar branco de colinas
um algarve deslocado
na planície árida velhos aerodespojos
entram comandos autometralhadorizados
importunam
espiam
revistam

obrigados e silentes
somos a abrasadora quietude do jumbo
partiremos
sempre mais tarde que previsto
no deserto amarelecido qual alentejo
repousam monstros de muitas lutas
nos *kibbutz* labutam formigantes sionistas

- este povo traz consigo o estigma
da aniquilação
própria e alheia
cheira a morte. -

II. A TERRA DOS PERSAS teerão, set. 19, 1973

embaixo sorriem sombras
minúsculos pontos rasgando a treva
quilómetros de fantasmas ancestrais
casas talvez brancas

bairros de adobe
avenidas ocidentais
mesquitas
na poeira do cansaço
um nome semi-mágico
teerão
a história do xá
um povo sem voz
à espera
o silêncio compungido do imperialismo
aterrámos lado a lado com estrelas ianques
estranho porto no coração do petróleo
persépolis foi há 2500 anos
o mito de alexandre
hoje.

III INDIANA UNIÃO nova delhi, set. 19, 1973

a meu lado um saxónico cacareja
o nojo imenso da miséria
suja imundície
estamos em delhi, a nova
capital das castas
ghandi morreu há muito e era mahtma
índira é mulher e déspota ao que dizem
país estranho de contrastes e civilizações
dele guardo esconsas imagens
fome e pobreza
estamos no subcontinente da morte lenta
aliviado respiro
ao deixar o hindustão

IV. NO REINO DO SIÃO bangucoque, set. 20, 1973

é já dia
os arrozais me espreitam
verde o país
castanho é bangucoque
em plena pista búfalos pachorrentos
a banhos de lama
camponeses debruçados
nos pântanos colhem o arroz
pequenas árvores dividem o asfalto
chove lá fora
sob 42° C de sol
lufadas de calor húmido nos penetram

densa respiração no ar por condicionar
 lentas formalidades num inglês arrevesado
 a vida possui aqui uma lenta ritmia
 todo o tempo nos espera
 nas autoestradas camionetas com jovens
 patrulhas militares
 todos os veículos se cruzam dos lados todos
 coloridos templos incrustados de pedrarias
 ouro maciço de budas
 descalços com cintos sagrados
 nos embasbacámos
 este o país do mistério
 igrejas e fortes portugueses
 memórias de tratados reais siameses e lusitanos
 o mercado flutuante é uma cidade imensa
 longos canais pútridos nesta veneza oriental
 sente-se o aroma do dólar nas ruas
 por entre golpes de estado adiados
 a cem quilómetros se combate
 é o apelo do futuro
 os thais são simpáticos e ardilosos
 milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus
 os preços função da nacionalidade
 no faustoso erawan hotel
 o luxo grandiloquente oriental
 a sofisticada comodidade do ocidente
 uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos
 para lá das faces mudas
 se encerra
 o mistério
 o convite
 voltarei um dia.

V. TIMOR baucau e díli, set. 20, 1973

timor cresceu cercado
 lendas que a distância empolgou
 o sonho
 a quietude
 as 1001 noites do oriente exótico
 o sortilégio dos trópicos
 para o europeu
 chegar era já desilusão
 desprevenido
 sobrevoa estéril ilha
 montes e pedras
 agreste paisagem sulcada

leitos secos
 abruptas escarpas
 terra sem marca de homem
 esparsas cabanas de colmo
 será isto timor?
 o avião desce o vazio em círculos
 em vão os olhos buscam a pista
 por trás de um montículo imprevisto
 se vislumbra o "T"
 e a torre de controlo dos folhetos de propaganda
 nunca existiu
 a alfândega é o bar
 a sala de espera
 sob o zinco e o colmo
 isto é baucau
 aeroporto internacional
 a vila salazar dos compêndios
 que a história esqueceu
 uma turba estranha se amontoa
 à chegada do *cacatua-bote*⁴²
 o *patas-de-aço*
 esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro
 descendo dos céus
 dia de festa para os trajes multicoloridos
 o contraste do castanho de sóis pigmentados
 cinco da matina
 e é já o pó e o calor
 o espanto mudo nas bocas incrédulas
 as formalidades aqui com sabor novo
 espera lenta e compassada
 séculos de futuro por viver
 antes que ele venha
 antes não venha
 num barracão zincado
 uma velha bedford
 de carga com caixa fechada
 vidros de plástico sob o toldo puído
 pomposo dístico colonial
 carreira pública baucau-dili
 picada em terreno plano
 mar ao fundo

 baucau
 cidade menina por entre palmares
 densa vegetação tropical

 connosco se cruzam estranhos homens de *lipa*⁴³

⁴² *cacatua-bote* ou *patas-de-aço* eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

galo de combate ao colo
 entre torsos e braços nus
 das ruínas do mercado se evocam
 desconhecidos templos romanos
 estrada n.º 1 até dili
 sulcam-se abruptas as encostas
 ao mar sobranceiras
 ali se adivinham cristais multicolores
 em lugar de pontes se atravessam ribeiras
 enormes
 leitões secos
 o tempo as converteu em estradas de ocasião
 pedregoso solo
 cores indefinidas
 castanhos e verdes
*palapas*⁴⁴ dissimuladas na paisagem
 imagens tristes de pedras e montes
 baías primitivas
 inconquistas
 praias de despojos e conchas
 paraísos insuspeitos
 gentes de sorrisos vermelhos
 assusto-me
 não é sangue nas bocas gengivadas
 masca, mescla de cal viva e *harecan*⁴⁵
 placebo psicológico da alimentação que falta
 um sorriso encarnado esconde a fome
 súbito
 por paisagens que só a memória
 sem palavras descreverá
 eis dili
 a capital
 larguíssima avenida semeando o pó nas palapas
 casas de pedra com telhados de zinco
 na ponta leste chinas e timores
 partilham a promiscuidade da pobreza
 dili
 plana e longa
 a vasta baía antevendo imponente
 o ataúro ilha
 um porto incipiente
 a marginal desagua no farol
 construções coloniais pós 1945

⁴³ lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

⁴⁴ casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

⁴⁵ folha de planta semelhante à do tabaco

da guerra que ninguém quis
dos mortos que os japoneses quiseram
da neutralidade do país mãe
calado e violado
albergam chefes de serviço
altas patentes militares
sem guerras para lutar
sem movimentos libertadores das gentes
quinze quilómetros de asfalto
três casas dantes da guerra grande
aeródromo em terra batida
um jipe de afugenta búfalo
a rua comercial atravessa dili senhora
de leste a oeste
espinha dorsal
o centro
o palácio das repartições
do governo
perto um museu
o seu nome ostenta o vazio
riquezas sem fim
seus governadores exportaram
patriotas
colonizadores de séculos com nada para mostrar
um museu morto
dois sinaleiros nas horas de ponta
ociosos às portas dos cafés
à noite transfiguram-se
os *bas-fond*
o texas bar
da prostituição às *slot machines*
o submundo
a vida underground
afogar esperanças em álcool
sonhos há muito perdidos nunca sonhados
restaurantes poucos
melhor comida a chinesa
bares espalhados pela cidade
militares e álcool
para calar distâncias
um portugal dos pequeninos
longínquo
cada vez mais
esquecido
nunca perdido.

1973 numa cidade sem vida

morrendo nas cinzas próprias de cada noite
 por entre o silêncio e a voz triste dos *tokés*⁴⁶
 o calor putrefacto
 por entre o voo alado das baratas gigantes
 carros poucos
 de dia só do estado
 motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes
 esperando mulheres de oficiais
 às portas dos cabeleireiros
 do liceu
 militares a pé
 em berliets ou unimogs
 chineses muitos
 dili é isto
 a desolação
 na parte alta da cidade
 o complexo militar
 barracas insalubres
 sob a sombra dos hospitais
 um civil um militar
 fresco e verdejante vale
 triste esta cidade
 pretensamente euro-africana
 palapas marginando ruas
 nelas vive o timor
 sem água nem luz
 dez ou quinze filhos
 que importa
 a miséria é só uma e a mesma?
 esta *"a terra que o sol em nascendo vê primeiro"*
 aqui as imagens
 e são já história
 não se repetirão
 aqui não daremos testemunho
 como transfigurar
 colónias pacíficas
 em palcos de guerra.

⁴⁶ espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som *toké*.

433.1. bucólica bobonariana-1, bobonaro, nov 23, 1973

a colina à esquerda ergue-se mansamente
sem pressas
caminha do mar
reproduz-se altiva
pico agreste me vigia
não há vegetação
nem sinais de gente
(terá emigrado daqui a seiva?)
as rochas puras ainda
primitivas
nascituras
erguidas por ciclópicas mãos
do fundo dos mares
quedaram-se ostensivas
desafio de nuvens eternas
arbustos pequenos
insignificantes como as gentes
misturados na paisagem
espraia-se na vastidão o olhar
(começa em mim)
e só montes
pedras
horizonte
e eu aqui fechado
cercado
ilha de mim próprio
o vale profundo
(talvez abismo, talvez acusação)
resisto
diviso emaranhado das brumas
ciscos amarelos
(segredam-me *são casas de gente*)

ENTÃO PARTO.

sem hesitar cavalgo
pedras
ribeiros
encostas
subo
desço
torno a subir e nada destrinço

insensível à rude beleza
 atinjo inóspito cume
 estranhamente plano
 nele plantaram casas
 cinco
 seis
 uma ao centro
 *lulic*⁴⁷ dizem-me
 baixo-me e entro
 teto erguido a pique
 muro de pedra a tocar baixo sobrado
 térreo madeirame trabalhado segue as vigas
 quadros sacros
 sol
 elementos
 animais
 no andar elevadiço
 um lar entesourado em morada última
 assusto-me
 em volta ósseas relíquias
 cheiro imenso a fumigação

saio
 respiro ar puro
 sacrossanto
 das montanhas cercanias
 uma laje quadrada
 uma placa ereta
 tipo tumular
 flores murchas e perdidas
 casas sem muros
 no andar térreo
 animais se abrigam
 por cima pessoas
 alojadas
 deitadas
 a nascer
 a cozinhar
 a comer
 a dormir
 a morrer
 quando as chuvas tombam
 e o colmo amolece
 quando o sopro do vento vem
 rasgando a mirrada pele

⁴⁷ *lúlic* significa sagrado em tétum

quando *maromác*⁴⁸ se zanga
nascem surdos lamentos
ninguém ouvirá.

olhei
vi gente
acocorada
semidespida
esquelética
nuas crianças
algumas de colo
a mim chegaram
sorrindo orgulhosas da sua alva pele
pedindo as fotografasse
tartamudeavam *malat*⁴⁹
como quem se afirma
compreendi esse estranho orgulho
ilegítimo
bastardo
mulheres se alugam para não perecerem
da fome vil
quando novas servem de pasto
a abutres forasteiros
depois
escavacadas
descarnadas
desdentadas
mascando infindáveis sementes
esboçam sorrisos
para a objetiva acusadora e cúmplice
não mais suportei este dantesco inferno
saí
acenei
voltei as costas
voltei ao exílio
- ENOJADO -.

⁴⁸ o equivalente a deus em língua tétum

⁴⁹ designação dada aos brancos pelos timorenses

450. o teto do mundo. dili, dez 3, 1974

como romper as palavras?
o som e o lamento do ai-tassi
sagrado lenho

em ti se moldaram
faces e rugas milenárias
caminhos de teto do mundo
nas mãos vazias viaja o passaporte
para que não sucumbas hoje
há muitas mortes nos amanhãs

teus pés ligeiros voam vinte quilómetros
o cacho solitário que colheste
bananas com que não matas as fomes
enganas *malai* com parco lucro
escudo *lima*⁵⁰
e teu rosto infantil e puro
sorria
vendeste a sobrevivência duma semana

caminhas curvado e galgas montanhas
teus os reinos de Railaco e TataMaiLau⁵¹
por isso retornas e teu sorriso é jovem
na cal e harecan misturas o prazer e o engano
também teu estômago sorri confiante
também tua a linguagem do corpo
no regresso de braços dolentes
firme em teu braço direito
o teu combate de penas
pobre mercador de ilusões em galos de luta
acaricias teu ganha-pão
teu desporto
e apostas
mais
sempre mais
são tuas as lágrimas
a revolta e a derrota
é teu o sangue e o alimentaste
guardas o estilete acerado
não decepou medos

⁵⁰ o equivalente a cinco escudos em moeda de timor

⁵¹ picos mais altos de timor, rondando os 3 mil metros de altitude

são tuas as planícies e as ribeiras
as torrentes inundaram o arrozal
e ris do grande engenheiro *malai*
levaram pontes e caminhos
como do búfalo do china luís
navegando rumo à liberdade
nem pensas na tua

das árvores pendem camarões doces do rio
e o pequeno jacaré
faz o cruzeiro oceânico Ribeira de Seical-Dili
*maromác*⁵² sabe
*maubere é diac*⁵³ e vai passar
esse o lado outro do abismo.

⁵² maromác o equivalente a deus em língua tétum

⁵³ maubere é diac, o timorense é bom, coisa boa

(permaneci calado
traído por pensamentos galopantes
onde as mulheres
cadê as crianças?
que gente esta
donde vem?
que peso arrastam
penosa
mecanicamente?)
ao longe divisei um ancião
vergado como uma aduela
corri para ele
inspirou-me medo
fez um gesto vago
um arremedo
a suster-me
estaquei na distância
nem um pássaro riscava a muda quietude do céu
tremi
como se de súbito
me penetrassem
as respostas todas
virei costas
e corri
corri
corri
e aqui estou
hoje
a dar-vos conta
do que vi.
eu vi-os
de olhar gasto e gestos caídos
vinham com neves eternas nos cabelos
enxada às costas
vergados ao peso de séculos
maltrapilhos
descalços
rotos
bronzeados por sóis perdidos
na memória dos tempos
uma grande fome para contar
e o silêncio sem fim
de todas as solidões

falei-lhes
acenaram sem se deterem
cadência de autómatos
sem vontade
explicaram por gestos
o que presumi sorriso
onde só havia gengivas descarnadas
informes
perguntei
donde vinham
de que estranha guerra
sobreviviam
sem abrandarem a insólita marcha
puxaram da bia sem idade
acenderam-na na concha dos dedos recurvos
suspiraram
fundo
como jamais ouvira
era um sopro indefinido
murmurado
amargo
entretanto havíamos chegado
povoado estranho
sem gente
nem cães
ladrando em redor
casas estranhas
elevações de colmos
suspensas de estacas
mudas
sem janelas
nem portas
um silêncio velho de morte
deixar a alma
deste ritmo
parar
deixar o instante
deste tempo
renascer
eterno
esta a proposta
inicial
iniciática
até lá, como?

445. para que não digam, 25 set, 1974

*ao dr buceta martins, fascista dos antigos
na direita o fâscio, na esquerda o chicote
o sorriso no gatilho, mártir da democracia)*

para que não digam
a mordaça acabou
a voz é livre
o futuro é novo
pintaremos o silêncio
que nos impõem
calaremos os sonhos
dos jornais que lemos.

sabemos nossa a vitória final
ou talvez não
cântico da luta
a palavra ressuscitada

aqui timor
aqui dili
o fâscio perene fidedigno
insuspeito nos bastidores
da obsoleta ordem nova
este o mundo sem denúncia
porque o medo
sem progresso
porque o interesse
sem abril
porque
os cravos murcham
nas estrelas da rosa-cruz
o trabalho é um dever
divino
de obediência
perdida no espaço
já que tempo nunca teve
esta a terra dos parasitas
inaptos
corruptos
exilados das grandes batalhas
aqui o poder discricionário
o absentismo forçado
a passiva repressão
uma-a-uma todas as vozes

silenciadas
o charco estagnou
idólatras do verde rubro
simbolistas de fé nenhuma
tiranos cujos ecos
nos perseguem
mijai-vos de indignação
babai-vos de orgulho insalubre
a grande farsa acabará
um dia
sem a razão
única e arbitrária
sufocados pelos gritos de piedade
afundar-vos-emos na merda
que vos sustenta
e alimenta
vingar-nos-emos
com o riso aberto
sem incriminações
aqui timor
aqui dili
a voz colonial da oceânia.

486. tai pan, macau, out 15, 1977

raiam auroras
na cabeça-de-jade-do-dragão

e o enorme olho de fogo
vomita sua fúria

nos mares se aprestam
as lorchas
sem porto de abrigo

TAI PAN senhor das gentes
bramava imprecando
e nós assistindo.

484. tufão, macau, jun 27, 1977

vês tu
angie dear

é um tufão
e se aproxima

o mundo acontece sempre lá fora

as revoluções dão-se apenas
em cada um
de nós.

451.1. porque jovens, bali, dez 3, 1974

eram jovens
 por isso partiam
nas mãos os cravos
nos lábios mil sangues
 por florescer
os corpos amadureciam quando matavam
 pilhavam
 violavam
era o fogo das balas
 as granadas
 o napalm
 a carne para canhões
porque jovens
 cantavam impolutos
e as mãos decepavam
a saudade desilusionada
irmãos todos
 fratricidas
o papão fantoche do governo
lhes ensinara o decálogo de guerra
 indesejada
porque jovens
 partiam obrigados
nos sonhos
 armada a verdade
vulcões por semear
 sangrando campos
 estiolavam
eram os braços emigrados
 era a fome
eram soldados
 era o povo
porque soldados e povo
 partiam
levavam ódios insentidos
cumpriam destinos alheados
nos lábios as palavras
 e eram amor
o alfabeto dos oprimidos
 para uso interior
 lá onde os regulamentos não mandam
pelo caminho
 eram a voz e a bandeira
o povo sorria às armas
libertado caminhava
 no braço armado do povo.

440. poemato, dili, abr 1974

sequestrados deste mundo
outro
sálvagos no templo multiforme
alheados da fome
sobreviviam
esquálidos sorrisos
no nexo dos dias
sem amarras de espuma
na história-breve
inventaram o voo sem esperma
na essência do grito

- ANDAM FAUNOS NO JARDIM DO POEMATO -

este o momento
poema
ato
nós o percorremos
volantes muros
na casa do meio
o corpo e o delta
no centro da imagem
o triângulo aquoso
ancoradouro de todas as sedes
em ti desagua
ventre
o vento
jatos insatisfeitos de searas
ceifas do púbis a fome
em ti germinada.

443. post-scriptum (a andré breton), dili, jun 16, 1974

como num mundo outro
em mim

aguda memória
inenarrável

caminho no fogo das mãos
é nossa a estrada
alheios

os calendários o negam
no vento da derradeira galáxia
nascitura terra

fálica linguagem
precipitámos cegueiras
violento abismo

- momento zero na viagem do corpo-

fomos a lava e o magma

ébrios
exaustos

incendiário batismo bíblico
construímos a casa e as areias

nove
para ti

eram os meses infenecidos

hoje

palavras intimidadas
seminolentes

cerne de alquimias

para quê crer

utopias suicidas

o país o decepam

apáticos

direi mesmo

apátridas

resignados

assistimos

gerámos a hidra

agnósticos

incrêus

expectamos

das cinzas

das ruínas

obnubiladas memórias

aqui começa

a medieval noite

silêncio de vivos com morte nos olhos.

457. ociosidade. porto, nov 6, 1975

viver é já demasiado
dispendioso
inútil quotidiano
sem palavras
nem atos
viver esqueletos
memórias carunchosas
perdida a grande corrida
por todas as vezes
encontrados fomos
perdidos somos
viver é este hábito
ocioso
mil silêncios nos unem
são talvez definitivos
vazia a grande casa
do espírito
o corpo oco
soergue-se e cai
trinta e um os medos
longas as vigílias
mil vidas se esvaíram
é já inverno dentro dos sonhos
castelos desfeitos
abandonámos
porquê,
para quê,
meu amor?

495 colonos do mito, fev 27, 1981

vinham de longe
do desespero
 acalentavam a esperança
incrédulos chegaram
 temerosos
altivos cresciam
 com o tempo
impantes já e esquecidos
 mas conquistadores
donos deste e do mundo outro
intolerantes viviam
 ambiciosos se tornaram
ano após ano
 se compravam
 se vendiam
eles
 os grandes colonos do mito

à boca de cena nasciam
 e era normal
vinham em bandos
 como pragas que eram
 sugavam e partiam.

483. no imortal lenho. out 12, 1976

no imortal lenho ardente sarças
sardas
e
garças

bardos pardas
bastardos

farsas tardas
fardas

persas graças
perdas guardas

narças
nardas
e
negaças

sargaços

